

Mundo ultrapassa marca de 3 milhões de casos de Covid-19

Número crescia rapidamente, mas pode ter estabilizado após chegar a 2 milhões

Matheus Moreira

SÃO PAULO O número de casos confirmados pelo novo coronavírus no mundo passou a marca de 3 milhões nesta segunda (27). Pelo menos 185 países já foram afetados e as mortes já passam de 200 mil. Dos 3 milhões de casos, quase um terço são nos Estados Unidos —968 mil até agora.

A infecção pelo Sars-CoV-2 ganhou velocidade desde que a doença foi reportada à OMS (Organização Mundial da Saúde) em 31 de dezembro de 2019. Segundo informações da própria organização, até 4 de janeiro de 2020 havia 44 pessoas infectadas, todas na China.

Mas nem mesmo a dura quarentena imposta na China conseguiu impedir que o novo coronavírus chegasse a outros países e infectasse 100 mil pessoas nos 62 dias seguintes.

Daí em diante, o número de casos confirmados cresceu cada vez mais rapidamente e em 27 dias atingiu 1 milhão de pessoas. A velocidade com a qual a doença se disseminava dobrou e em 12 dias o mundo já contabilizava 2 milhões de pessoas com a Covid-19. Mais 1 milhão contraiu o vírus em 13 dias.

Se o número de casos confirmados mantiver o mesmo ritmo de crescimento observado em abril, até o fim de maio haverá mais de 5 milhões de infectados pelo mundo.

Em abril, países emergentes tiveram saltos no número de casos confirmados. A Rússia e a Turquia chegaram rapidamente à lista de dez países mais afetados pelo novo coronavírus.

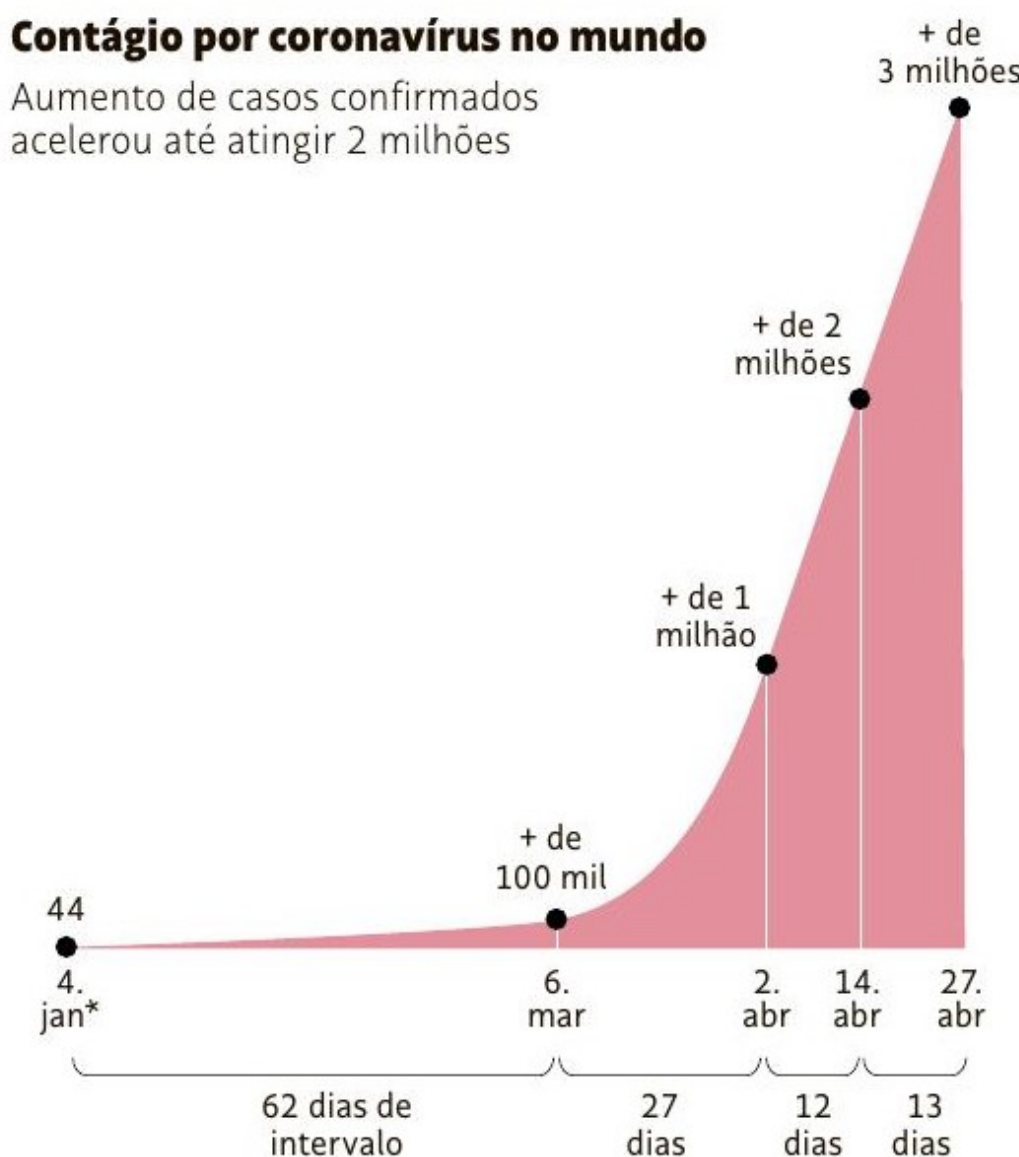
O Brasil também avançou rápido e é o 11º entre os que têm mais infectados e mortos. À sua frente, na 10ª posição em número de casos confirmados, está a China, país em que o vírus foi registrado pela primeira vez.

Brasil, Rússia e Turquia têm em comum chefes de Estado que minimizaram a força da pandemia e são contrários a quarentena.

O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) disse, mais de uma vez, que o Brasil não poderia parar por causa do coronavírus. Bolsonaro já demonstrou ser contra a quarentena adotada por diversos estados brasileiros e dezenas de países e demitiu o ex-ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, que defendia a orientação da OMS de isolamento social como

Contágio por coronavírus no mundo

Aumento de casos confirmados acelerou até atingir 2 milhões



*Primeiro registro oficial do número de casos confirmados divulgado pela OMS

principal ferramenta contra a doença, contrariando a vontade do chefe do executivo.

Mesmo com quarentena, o número de pessoas infectadas no Brasil não para de crescer. Nesta segunda-feira (27), dois meses após o primeiro caso confirmado, o

país já tinha mais de 66 mil doentes e 4.543 mortos, segundo informações do Ministério da Saúde.

A Turquia, cujo presidente Recep Tayyip Erdogan também é contrário ao isolamento social, é o 7º país com mais casos no mundo.

São mais 110 mil pessoas infectadas e 2.805 mortes.

O primeiro caso de infecção foi confirmado no país no dia 11 de março. Um mês mais tarde, já havia mais de 52 mil pessoas com a Covid-19 e a Turquia anunciava a libertação de milhares de presos por até dois meses para evitar a disseminação do vírus dentro das prisões.

Foram beneficiados presos por diversos crimes, bem como os idosos e as mulheres grávidas. No entanto, a lei aprovada pelo parlamento turco foi duramente criticada por entidades de direitos humanos por excluir presos que foram condenados por assassinato ou pela controversa lei turca antiterrorismo, que culminou na prisão de jornalistas e de opositores políticos do presidente Recep Tayyip Erdogan.

A Rússia, que confirmou os primeiros dois casos da Covid-19 em 31 de janeiro, só chegou a cem pessoas infectadas em março e, desde então, tem visto saltar o número de casos confirmados, o que levantou suspeitas de omissão de dados.

Entre os dias 17 de março e 17 de abril o número de pessoas infectadas na Rússia teve um salto de 27.970%, passando de 114 para mais de 32 mil casos confirmados.

O presidente russo, Vladimir Putin, havia minimizado a crise, ainda em março, mas se viu obrigado a reconhecer a gravidade da pandemia após o prefeito de Moscou revelar que o governo não sabia o número real de infectados por falta de testes. Até esta segunda, o país tinha mais de 87 mil pessoas infectadas.

Tire suas dúvidas sobre o coronavírus

A Folha recebe perguntas de leitores pelo email duvidascoronavirus@grupofolha.com.br

CONTÁGIO

A água que pinga do ar-condicionado dos prédios nas calçadas, caso provenha de ambientes contaminados com o Sars-CoV-2, pode transmitir os vírus para passantes?

Os sistemas de ar-condicionado funcionam resfriando o ar que entra pelo aparelho e liberando ar em temperaturas mais baixas. São dois os sistemas que fazem esse processo: um condensador e um evaporador. A condensação do ar mais quente forma água, que depois é aquecida formando vapor d'água, e o ciclo se repete. A água pinga do ar-condicionado quando o encanamento entope e acaba se enchendo de água, levando ao gotejamento. Como ela é formada a partir da condensação do ar, essa água pode ser classificada como 'limpa' (embora não tratada). É o mesmo que a água da chuva, por exemplo. Como o sistema do ar-condicionado aquece a água até o ponto de evaporação, não há por que acreditar que o vírus permaneceria ativo na água advinda da condensação.

GRUPOS VULNERÁVEIS

Fiz esplenectomia há anos. Sou grupo de risco?

A esplenectomia, nome dado à retirada do baço, órgão do sistema linfático que ajuda na defesa do organismo, pode ser requerida diante de traumas ou devido a algumas doenças. No entanto, por si só, ela não aumenta o risco de infecção pelo coronavírus, afirma Renato Sampaio Tavares, hematologista da diretoria da Associação Brasileira de Hematologia, Hemoterapia e Terapia Celular. Tavares, que também é professor da Faculdade de Medicina da UFG (Universidade Federal de Goiás), afirma que não há, até o momento, estudos que relacionem a Covid-19 à esplenectomia. Ele explica, porém, que a falta do baço aumenta a suscetibilidade a bactérias, o que, contudo, varia conforme a idade, sendo maior na infância. Por causa disso, em caso de infecção bacteriana associada à doença causada pelo novo coronavírus, a ausência do órgão pode ser um complicador.

Ana Botallo e Gêssica Brandino



Aglomeração em ato de 15 de março a favor de Jair Bolsonaro aparece em documentário da Netflix sobre o coronavírus. Erica Martin/AM Press & Images/Folhapress

Documentário mostra o Brasil como mau exemplo

Mariana Versolato

SÃO PAULO Bastam 45 segundos para o Brasil aparecer no documentário "Explicando... o coronavírus", feito pela Netflix em parceria com a Vox Media e que estreou no domingo (26). Ao lado de presidentes que minimizaram a pandemia, como o americano Donald Trump e o iraniano Hassan Rohani, além do premiê britânico Boris Johnson (antes de ele próprio ficar doente), Jair Bolsonaro diz que o novo coronavírus é uma fantasia.

O país volta a figurar em uma cena de manifestação a favor de Bolsonaro em 15 de março, quando manifestantes de camisas verde e amarelo ignoraram o cancelamento oficial dos atos por causa da pandemia, que já tinha dado as caras aqui e castigava

fortemente outros países.

É para grupos como esses, que questionam o isolamento social, que a série parece querer pregar. Passo a passo o episódio vai desconstruindo o discurso dos líderes negacionistas com ciência, história e cenas chocantes em UTIs da Itália até chegar aos bons exemplos: Canadá, Coreia do Sul, Nova Zelândia.

Para quem acompanha de perto o noticiário e a divulgação científica acerca do tema, porém, boa parte do episódio tem cara de déjà vu.

A voz poderosa do ator J. K. Simmons explica, didaticamente e com ajuda de bons infográficos, que o novo vírus pertence à família dos coronavírus, foi batizado de Sars-CoV-2, causa uma doença chamada Covid-19, teria saltado de bichos para humanos

em um mercado de animais vivos na China e é menos letal que o ebola e menos infeccioso que o sarampo.

O filme também bate em teclas já repetidas à exaustão, mas importantes: quais são os sintomas mais comuns da infecção e quem tem maior risco de ter complicações (homens, idosos, doentes crônicos). Fala ainda da já consagrada expressão "achatar a curva", sobre a necessidade de espalhar os casos ao longo do tempo para evitar picos de doentes e sobrecarregar os hospitais.

Contra a expectativa de medicamentos milagrosos, o documentário lembra que antivirais são difíceis de serem desenvolvidos e que a melhor forma de derrotar um vírus é tornando-se imune a ele. O problema é que 1) apostar na

chamada imunidade de rebanho, como tentou fazer o Reino Unido, pode custar milhões de vidas, 2) uma vacina segura e eficaz pode levar uns anos e 3) os outros coronavírus não dão imunidade vitalícia e é provável que o novo se comporte assim também, como apontam casos de reinfecção na Ásia —para a tristeza de quem já foi infectado e promove festas apostando numa suposta proteção.

Até a sonhada vacina chegar, será preciso se defender com a arma "old school" da quarentena, que surgiu na época da Peste Negra medieval e foi usada com sucesso por algumas cidades americanas durante a gripe espanhola, em 1918.

Acertadamente, o documentário se vangloria de trechos de entrevistas premonitórias com Bill Gates de

"Pandemia", também da Netflix e lançado em 2019, e critica a China pela demora em agir e por ter tentado esconder a gravidade do surto.

Também revela que a própria OMS (Organização Mundial da Saúde) disse, em setembro do ano passado, que o mundo não estava preparado para uma pandemia e afirma que ela não surgiu do nada: ações humanas como desmatamento, convívio com animais isolados e o confinamento de bichos prepararam o solo para o que vivemos e podem causar novos pesadelos.

Mas, para tentar terminar num tom otimista, lembra que até agora nenhum vírus nos derrotou —o que é óbvio. Para vencer essa batalha, porém, será preciso apostar mais em ciência do que em achismos e desinfetante.

Hospital do M'Boi Mirim recebe 100 leitos em anexo

SÃO PAULO A Prefeitura de São Paulo inaugurou nesta segunda (27) cem leitos de baixa complexidade para o tratamento da Covid-19 no Hospital Municipal M'Boi Mirim, na zona sul.

Construída em um anexo da unidade médica, a estrutura será permanente e continuará a receber pacientes para atendimentos em enfermarias após a pandemia, de acordo com a prefeitura.

O local vai receber pessoas com sintomas leves da Covid-19. Casos mais graves, que precisem de atendimento em UTI (Unidade de Terapia Intensiva), serão transferidos para o hospital.

A estrutura é resultado de parceria entre a prefeitura, Ambev, Gerdau e Hospital Israelita Albert Einstein.